

AUGE

O novo jeito de morar na velhice

EDITORIAL

Caio Carraro Gomes da Costa

**A vida como nossa
primeira morada.**

ENTREVISTA

Maria Luisa Trindade Bestetti

**Envelhecer em casa
com segurança,
autonomia e
significado.**

COLUNA

Ruth Melo

**Inovação nas ILPI:
missão impossível ou
oportunidade?**

ÍNDICE DE NAVEGAÇÃO



Toque ou clique sobre a seção desejada para ir direto ao conteúdo.

Capa

Gerada com auxílio de IA, a imagem retrata um grupo de pessoas idosas reunidas ao redor de uma mesa, em um ambiente natural, compartilhando risadas e momentos de convivência. A cena transmite leveza, afeto e conexão, destacando a importância dos vínculos sociais ao longo do envelhecimento. O conceito por trás da imagem valoriza o envelhecer ativo e relacional, mostrando que a longevidade ganha mais sentido quando acompanhada de pertencimento, troca e convivência. Mais do que o passar do tempo, a imagem celebra a vida em comunidade, o bem-estar emocional e a força das relações humanas como pilares para uma velhice saudável e plena.

EDITORIAL

Caio Carraro Gomes da Costa

A vida como nossa primeira morada.

MATÉRIA DE CAPA

Sabrina Aparecida

O novo jeito de morar na velhice.

ENTREVISTA

Maria Luisa Trindade Bestetti

Envelhecer em casa com segurança, autonomia e significado.

COLUNA

Ruth Melo

Inovação nas ILPI: missão impossível ou oportunidade?

RECOMENDAÇÃO

Sabrina Aparecida

Filme: E se vivêssemos todos juntos?

EDITORIAL



Caio Carraro
EDITOR-CHEFE



A vida como nossa primeira morada

Ao longo da nossa jornada, costumamos contabilizar que moramos em casas, apartamentos, países, cidades, bairros. Mas, se olharmos com a lente da experiência, percebemos que a nossa primeira e mais fiel morada é a própria vida. Ela é o teto que nos abriga enquanto atravessamos as estações do tempo, o espaço onde guardamos cada vivência, cada ganho e, inevitavelmente, cada perda que nos molda.

Nessa arquitetura existencial, os cômodos são feitos de memórias. Há quartos preenchidos pelo eco de risos e choros, de amores que nos aqueceram e nos esqueceram; há corredores estreitos de dores e afastamentos que, embora difíceis de percorrer, foram necessários para chegarmos onde estamos hoje. Morar na própria história é um exercício constante de autoacolhimento: é aprender a aceitar as marcas que o tempo deixa nas paredes do nosso ser, reconhecendo cada trinca, assim como uma cicatriz é, também, uma viga de sustentação da nossa maturidade.

A matéria de capa desta edição, “O novo jeito de morar na velhice”, nos convida a refletir sobre como as Instituições de Longa Permanência (ILPI) estão se ressignificando. Elas deixam de ser vistas como depósitos de memórias para se tornarem espaços de qualidade, novos lares que precisam espelhar a dignidade e a autonomia de quem envelhece. Afinal, se as cidades precisam aprender a acolher, nossas moradias na velhice devem ser a extensão do respeito que cultivamos por nós mesmos ao longo das décadas.

No fim das contas, como será a sua moradia na velhice? A resposta talvez não esteja na planta de um imóvel, mas na forma como você tem habitado a si mesmo desde sempre. Se a vida é uma morada construída no agora, que saibamos edificar espaços de afeto, presença e cuidado, para que, em qualquer idade, possamos nos sentir, finalmente, em casa.

Boa leitura! ■

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida

ESTUDANTE DE GERONTOLOGIA DA USP



O novo jeito de morar na velhice.

Moradias para todos os estilos de envelhecer

Viver bem na velhice vai muito além de ter um lugar para morar: envolve autonomia, sensação de pertencimento, bons relacionamentos, segurança e acesso a serviços que facilitem o dia a dia. Nos últimos anos, novas formas de moradia têm ganhado espaço e conversam diretamente com a longevidade atual. Do cohousing às Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), passando pelo número cada vez maior de pessoas idosas que vivem sozinhas, o cenário mostra como as escolhas, necessidades e expectativas nessa etapa da vida estão mudando.

A revolução silenciosa da moradia na velhice

As mudanças sociodemográficas, como famílias menores e aumento da expectativa de vida, desafiam o modelo tradicional de arranjos familiares. Hoje, boa parte das pessoas idosas vivem longe dos familiares, mantêm rotinas independentes e buscam espaços que dialoguem com seus novos propósitos de vida. Esse novo panorama abre espaço para moradias mais flexíveis, compartilhadas, comunitárias ou com cuidados profissionais. E cada alternativa traz vantagens, limites e perfis específicos.

Cohousing: morar em comunidade com propósito

Se estrutura como comunidades planejadas, construídas ou adaptadas por grupos que escolhem viver juntos, preservando casas independentes, mas compartilhando espaços como ateliês, hortas, refeitórios, salas de convivência e serviços. É um modelo forte em países nórdicos e nos EUA, e tem muito a ver com o ideal de envelhecimento ativo.

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida

ESTUDANTE DE GERONTOLOGIA DA USP



O novo jeito de morar na velhice.

No Brasil, esse tipo de moradia costuma ser chamado de vila. Já existem grupos de amigos que decidiram criar suas próprias vilas para viver a velhice de forma mais próxima e colaborativa. Um exemplo bastante conhecido é o Cohousing BemViver, que contará com 30 casas distribuídas em um terreno de 60 mil m² em Mogi das Cruzes (SP).

O local foi escolhido com cuidado: uma área urbana com clima de interior, abundante em natureza, com nascente, lago, área de preservação permanente e, ao mesmo tempo, perto de serviços como bancos, hospitais, supermercados, comércio e opções de lazer.

O projeto, já aprovado pela prefeitura, foi construído de forma participativa pelo arquiteto e futuro morador Roberto Kubota. O desenho dos espaços prioriza a convivência, o contato com a natureza e a integração entre os residentes.



imagem: Divulgação

Outro exemplo é o grupo de 65 pessoas, formado majoritariamente por professores aposentados da Unicamp, que decidiu criar uma moradia coletiva em Campinas (SP), conhecida como Vila Conviver. Assim como outros projetos colaborativos, essa proposta busca oferecer um envelhecer baseado em cooperação, autonomia e vida comunitária.

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida

ESTUDANTE DE GERONTOLOGIA DA USP



O novo jeito de morar na velhice.

Quando a solidão impacta a qualidade de vida e impulsiona novos modos de morar

Cohousing é um modelo de moradia que costuma trazer benefícios significativos, e o principal deles é justamente reduzir a solidão e fortalecer os vínculos sociais. Na velhice, sentir-se só pode estar ligado a mudanças naturais dessa fase da vida, como a saída dos filhos de casa, a viuvez ou a aposentadoria¹. Também pode surgir quando o suporte social diminui, quando a autonomia se reduz ou quando a saúde passa por limitações, afetando o bem-estar². Por isso, viver em ambientes que favorecem a convivência e a troca diária pode ser tão significativo nessa etapa.

Aposentadoria¹

Ferreira, H. G., Casemiro, N. V.
Solidão em idosos e fatores associados. Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social, v. 9, n. 1, p. 90-98, 2021.

Bem-estar²

Jaccoud, L. Idosos em situação de isolamento social: uma abordagem macrossetorial.
Texto para Discussão, n. 3020, Brasília: IPEA, 2024.

Demências³

Luchetti, Martina et al.
A meta-analysis of loneliness and risk of dementia using longitudinal data from > 600,000 individuals.
Nature Mental Health, v. 2, n. 11, p. 1350-1361, 2024.



imagem: AI Suite by Freepik

Pesquisas mostram que as taxas de solidão ao longo da vida não seguem um padrão linear. Elas tendem a ser mais altas no fim da adolescência e no início da vida adulta, diminuem na meia-idade e voltam a crescer na velhice. Esse aumento é preocupante porque a solidão não é apenas um desconforto emocional: ela afeta diretamente a saúde.

Estudos indicam que a solidão pode reduzir a expectativa de vida, elevar em até 31% o risco de demências³ e impactar negativamente a saúde mental, favorecendo sentimentos de ansiedade, insegurança e medo, muitas vezes intensificados pela falta de interação social.

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida

ESTUDANTE DE GERONTOLOGIA DA USP



O novo jeito de morar na velhice.

Além disso, sentir-se só está associado ao aumento do estresse crônico, que prejudica a saúde cardiovascular e outros sistemas do corpo, e pode ainda alterar o padrão do sono, comprometendo o bem-estar geral.

ILPI: cuidado profissional como aliado, não como último recurso

As Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) ainda carregam estigmas do passado, aquela ideia dos antigos “asilos”, muitas vezes lembrados como lugares escuros, precários e pouco acolhedores. Durante muito tempo, esses espaços foram vistos quase como “depósitos”, onde pessoas idosas eram deixadas sem grandes perspectivas.

E que bom que esse cenário está mudando. Hoje, muitas ILPI passam por processos de humanização, qualificação do cuidado e renovação dos ambientes, acompanhando novas demandas e novos olhares sobre a velhice.

Muitas ILPI hoje oferecem:

- Equipes multidisciplinares;
- Ambientes humanizados;
- Atividades terapêuticas e de lazer;
- Foco em autonomia e independência dentro das capacidades de cada residente.

Quando esse modelo é mais adequado?

Esse tipo de moradia costuma ser a escolha mais indicada em alguns cenários específicos, especialmente quando o cuidado diário passa a exigir mais suporte.

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida

ESTUDANTE DE GERONTOLOGIA DA USP



O novo jeito de morar na velhice.

De forma geral, ele é recomendado para:

- Pessoas idosas com limitações funcionais ou dependência moderada a grave ou sem condições de receber cuidado adequado na residência.
- Famílias que não conseguem oferecer cuidado contínuo adequado;
- Situações em que a presença de profissionais especializados é essencial para garantir segurança e bem-estar.

As ILPI fazem parte da rede de cuidados de longa duração e, ao contrário do que muita gente ainda pensa, não são sinônimo de abandono. Elas podem ser uma alternativa legítima e necessária para garantir segurança, cuidados contínuos e qualidade de vida. Mas mudar para uma ILPI não é uma decisão simples, e é aí que entra um ponto importante: a pessoa idosa precisa participar do processo.

Sempre que possível, ela deve ser ouvida, ter seus desejos considerados e compreender o que está acontecendo. Parece básico, mas nem sempre é assim. É comum os filhos dizerem que precisam colocar o pai ou a mãe em uma ILPI. Ainda vemos casos em que familiares dizem que será “um passeio” e, de repente, a pessoa é deixada na instituição sem preparo emocional ou explicações. Imagine, sem o direito de decisão, colocar toda uma vida em uma única mala, já que poucas ILPI possuem estrutura e espaço para acomodar além disso.

Falar sobre ILPI é, acima de tudo, falar sobre respeito, transparência e cuidado — e sobre a importância de incluir a pessoa idosa nas decisões que dizem respeito ao seu próprio futuro.

Nem tudo são flores na realidade brasileira

Apesar dos avanços e do surgimento de novas possibilidades de moradia para pessoas idosas, ainda convivemos com desafios que não podem ser ignorados. O Brasil é marcado pela diversidade, e os

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida

ESTUDANTE DE GERONTOLOGIA DA USP



O novo jeito de morar na velhice.

processos de envelhecer e viver a velhice refletem essa pluralidade, expressa nas diferentes culturas, territórios e modos de vida do país.

Enquanto alguns podem escolher modelos inovadores e privados, grande parte da população vive em realidades sociais muito diferentes, onde essas opções simplesmente não são acessíveis.

E há ainda um grupo frequentemente invisibilizado: pessoas idosas em situação de rua, que não têm perfil para ILPI e tampouco contam com alternativas de moradia digna. Esse é um retrato duro de vulnerabilidade social que precisa entrar com urgência nas discussões sobre políticas de cuidado e habitação.



imagem: AI Suite by Freepik

A verdade é que ainda faltam políticas públicas habitacionais robustas, consistentes e pensadas em escala nacional para acompanhar a demanda crescente de uma população que envelhece rapidamente.

Sem esse olhar estruturado, continuamos a depender mais da iniciativa privada do que de soluções coletivas, e isso escancara desigualdades.

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida

ESTUDANTE DE GERONTOLOGIA DA USP



O novo jeito de morar na velhice.

Morar sozinho na velhice: autonomia que exige suporte

No Brasil, cada vez mais pessoas idosas estão vivendo sozinhas, um sinal de autonomia, independência e do desejo de manter a própria rotina.

Para muitos, morar só significa liberdade, privacidade e a chance de continuar sendo quem sempre foram. Essa escolha tem muitos lados positivos, como seguir o próprio ritmo e sentir que a vida está sob seu controle. Mas, ao mesmo tempo, também traz alguns cuidados importantes: o risco de isolamento e solidão, a demora para receber ajuda em casos de emergências, como quedas ou mal-estar.

Por isso, morar sozinho funciona melhor quando existe uma rede de apoio por perto. Tecnologias de segurança, visitas combinadas, programas comunitários, vizinhos atentos e outras formas de acompanhamento ajudam a garantir proteção sem tirar a autonomia.

Age in place

Significa envelhecer no próprio lar, um desejo comum entre muitas pessoas idosas. A ideia é simples: permanecer na casa, no bairro e na comunidade onde se construiu uma vida inteira, preservando vínculos afetivos, familiares e sociais. Além de fortalecer o senso de pertencimento, esse modelo contribui para a qualidade de vida, desde que a moradia seja segura, adaptada às necessidades e acompanhada de uma rede de apoio que permita viver com conforto e tranquilidade.

Mas, para que isso seja possível, é preciso planejamento. Entre as principais preparações estão: adaptar os ambientes para reduzir riscos, monitorar doenças crônicas com acompanhamento regular, estabelecer contatos frequentes e considerar o uso de tecnologias de segurança. Envelhecer em casa é totalmente viável, e fica ainda melhor quando o cuidado começa antes.

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida

ESTUDANTE DE GERONTOLOGIA DA USP



O novo jeito de morar na velhice.

Fim de ano com cuidado e inclusão: celebrando juntos

As festas de final de ano são momentos de celebração, mas também podem intensificar sentimentos de solidão entre pessoas idosas, especialmente aquelas que vivem sozinhas ou em instituições. Por isso, vale lembrar: incluir é tão importante quanto presentear. Visitar familiares, amigos ou até mesmo pessoas que moram em ILPI é uma forma simples de demonstrar afeto e atenção.

Pequenos gestos fazem grande diferença: uma ligação, uma conversa por vídeo, um convite para participar de uma ceia ou atividade comunitária, ou até trocar presentes, cartões ou lembranças com uma pessoa idosa. Para quem vive em moradias coletivas, como ILPI ou cohousings, organizar uma visita ou participar de eventos internos ajuda a fortalecer vínculos e proporciona momentos de descontração com os moradores, mostrando que eles continuam fazendo parte da vida da comunidade.

Que neste fim de ano possamos levar atenção, respeito, cuidado e carinho a quem nos cerca, lembrando que a pessoa idosa de hoje, será você amanhã. Afinal, velho é o jovem que deu certo. ■

Boas festas e nos vemos nas edições de 2026 da AUGE.

ENTREVISTA

Visão



Maria Luisa Trindade Bestetti

PROFESSORA DE GERONTOLOGIA NA USP
E CRIADORA DO SERMODULAR



Envelhecer em casa com segurança, autonomia e significado.

O que significa envelhecer em casa e por que isso é tão importante para a saúde mental da pessoa idosa?

1/5

AUGE

MARIA LUIZA

Envelhecer em casa significa estar entre lembranças, a partir de objetos e momentos memoráveis, na maioria das vezes muito positivos porque a casa é o território de vida onde são deixadas impressões e preferências do morador.

Estamos vivendo mais e melhor, com a longevidade oferecendo condições de independência com autonomia por mais tempo, já que a saúde mental está diretamente relacionada com objetivos, rotinas, desejos e necessidades.

Quais são os principais riscos presentes na casa à medida que a idade avança e como eles podem ser minimizados?

2/5

AUGE

MARIA LUIZA

Geralmente o hábito de circular entre os ambientes da casa a torna tão conhecida que é possível fazê-lo de olhos fechados. Ocorre que há algumas armadilhas que devem ser observadas à medida que a idade avança, porque o equilíbrio, a visão e a audição mudam, colocando em perigo a pessoa mais idosa.

É preciso manter espaços de circulação desimpedidos, com móveis estáveis quando servem de apoio, visto que o excesso de objetos podem ser obstáculos perigosos.

ENTREVISTA

Visão



Maria Luisa Trindade Bestetti

PROFESSORA DE GERONTOLOGIA NA USP
E CRIADORA DO SERMODULAR



Envelhecer em casa com segurança, autonomia e significado.

Elementos como fios, tapetes e armários costumam ser apontados como vilões. Eles precisam ser eliminados?

3/5

AUGE

MARIA LUIZA

Fios atravessados são muito perigosos, pois ficam difíceis de visualizar, assim como portas em armários aéreos sem uma base que defina um limite seguro.

Os tapetes, considerados vilões em espaços para pessoas idosas, nem sempre o são, pois podem representar memórias importantes e devem ser preservados, colocados de modo a não deslizarem ou enrolarem, podendo ser firmados sob móveis, fixados com bases emborrachadas ou, até, tornando-se elementos decorativos nas paredes.

Por que o banheiro é um dos ambientes mais críticos e quais adaptações ajudam a garantir segurança e independência?

4/5

AUGE

MARIA LUIZA

O banheiro é um lugar mais propenso a acidentes em função do espaço, da tendência a manter a umidade e ao espaço do box para o banho, onde barras de apoio possibilitam mais conforto e segurança, especialmente se não houver espaço para uma banqueta de banho.

A bacia sanitária, geralmente baixa, pode dificultar o uso independente, mas há assentos elevados e até com braços laterais, o que facilita seu uso. Se houver a necessidade de dispositivos de apoio, em especial cadeiras de rodas, o espaço para o giro deve proporcionar espaço para circulação, além da largura de portas, que pode exigir ajustes que mantenham a independência.

ENTREVISTA

Visão



Maria Luisa Trindade Bestetti

PROFESSORA DE GERONTOLOGIA NA USP
E CRIADORA DO SERMODULAR



Envelhecer em casa com segurança, autonomia e significado.

Como a organização, a iluminação e pequenos ajustes contribuem para uma casa amiga da pessoa idosa?

5/5

AUGE

MARIA LUIZA

Todos esses fatores mencionados podem implicar em incidentes que causam quedas, com consequências físicas e emocionais para um indivíduo idoso caidor.

Os cuidados com tapetes e pisos escorregadios estão relacionados a circulações desimpedidas e com apoios estáveis próximos, garantindo segurança dentro de casa. Prateleiras altas sugerem subir em banquetas ou escadas e, portanto, artigos de primeira necessidade devem ficar à mão, assim como a iluminação deve favorecer bom contraste quando necessário e tranquilidade em momentos de repouso.

Superfícies brilhantes podem criar situações de ofuscamento e, portanto, o direcionamento do foco de luminárias evita situações que desorientam pessoas com baixa acuidade visual.

Uma casa amiga da pessoa idosa é um lar seguro e confortável para envelhecer e pequenos ajustes devem ser observados para que a velhice não impeça a autonomia e a independência, até quando for possível. ■



Ruth Melo

PROFESSORA DE GERONTOLOGIA NA USP



Inovação nas ILPI: missão impossível ou oportunidade?

O idadismo estrutural contribui para uma visão estereotipada sobre a inovação e o envelhecimento, muitas vezes colocando os dois conceitos em oposição. É comum pensar que as pessoas mais velhas são resistentes à mudança ou menos capazes de inovar, o que reforça a crença de que a inovação é algo apenas para os jovens.

No contexto das ILPI, essa ideia equivocada é ainda mais acentuada, pois existe um forte preconceito e desvalorização em relação a esse tipo de serviço por parte da sociedade.

Por outro lado, os desafios que o rápido envelhecimento da população traz para os sistemas de saúde e assistência social podem ser uma oportunidade para a implementar inovações nas ILPI.

É importante lembrar que, mesmo quando idealizadas com boas intenções, as inovações podem acabar aumentando as desigualdades, devido à heterogeneidade dos residentes e às características específicas das ILPI.

Assim, a implementação de inovações nas ILPI enfrenta diferentes barreiras que podem ser originárias em diferentes níveis:

Externos

Aspectos culturais (estigma e idadismo), ausência/ineficiência de políticas públicas e falta de financiamento adequado;

Internos

Infraestrutura insuficiente/inadequada, recursos humanos/financeiros insuficientes, sobrecarga de trabalho e cultura organizacional não favorável às mudanças;

Individuais (profissionais)

Ausência de treinamento adequado, resistência à mudança, baixo letramento digital, desvalorização profissional e baixa remuneração;



Ruth Melo

PROFESSORA DE GERONTOLOGIA NA USP



Inovação nas ILPI: missão impossível ou oportunidade?

Individuais (residentes)

Resistência à mudança, presença de condições específicas (sensoriais, motoras e cognitivas) e baixo letramento digital;

Inovação

Alta complexidade, alto custo, baixa generalização, impossibilidade de adaptação/customização, utilidade questionável, fragilidades na segurança e privacidade de dados sensíveis.

Por outro lado, é crucial identificar os fatores facilitadores que podem ser determinantes para a implementação e sustentabilidade das inovações no contexto das ILPI como:

Externos

Fontes extras de financiamento e estabelecimento de parcerias/colaborações com outros setores e serviços;

Internos

Cultura organizacional favorável, liderança participativa e canais abertos de comunicação;

Individuais (profissionais)

Liderança forte, abordagem proativa, engajamento efetivo e disposição à mudança.

Individuais (residentes)

Cuidado centrado na pessoa, envolvimento ativo e significativo nos processos;

Inovação

Amigável e adaptável às necessidades e preferências dos usuários.



Ruth Melo

PROFESSORA DE GERONTOLOGIA NA USP



Inovação nas ILPI: missão impossível ou oportunidade?

Em resumo, para que haja sucesso na implementação de inovações no contexto das ILPI, as inovações devem estar alinhadas com os valores organizacionais, além de priorizarem o bem-estar e a qualidade de vida dos colaboradores e residentes.

Identificar profissionais chave para liderar o processo de implementação, fomentar uma cultura de melhoria contínua e valorizar as iniciativas de qualidade são, portanto, práticas recomendadas para o sucesso das inovações em ambientes de cuidados institucionais de longa duração. ■

RECOMENDAÇÃO

Filme



Sabrina Aparecida

ESTUDANTE DE GERONTOLOGIA DA USP



E se vivêssemos todos juntos?

E se vivêssemos todos juntos? é um convite sensível e bem-humorado para pensar o envelhecer, o morar e o conviver. A trama acompanha um grupo de amigos de longa data que diante das mudanças impostas pela idade, decide reinventar a forma de viver a velhice.

Após um susto de saúde, um deles passa a precisar de cuidados mais frequentes, e a simples ideia de se mudar para uma “ILPI” provoca medo e resistência no grupo. A solução encontrada é ousada e afetiva: cinco amigos, aos 75 anos, resolvem dividir a mesma casa. Entre a organização da rotina, a divisão das tarefas de cuidado e os desafios do convívio diário, nasce uma experiência marcada por solidariedade, humor e apoio mútuo.

Ao longo da convivência, memórias, conflitos e histórias de vida vêm à tona, revelando que envelhecer junto pode ser uma alternativa potente à solidão. O filme dialoga diretamente com os novos modelos de moradia na velhice e nos provoca a pensar que a casa pode ser, acima de tudo, um espaço de pertencimento, escolhas e vínculos.

Uma indicação especial para quem acredita que envelhecer bem também passa por compartilhar a vida, e por imaginar novos jeitos de morar e cuidar. ■



IMAGEM: DIVULGAÇÃO

Onde assistir:



Prime Video

Clique aqui para acessar

Expediente

PUBLICAÇÃO:

iFractal Tecnologia Para Ser Humano

EDITOR-CHEFE E JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Caio Carraro Gomes da Costa - 0091381/SP

CONSELHO EDITORIAL (GERONTOLOGIA):

Ruth Caldeira de Melo

COLUMNISTA (GERONTOLOGIA):

Sabrina Aparecida da Silva

CONSELHO EDITORIAL (GESTÃO DE RH):

Flávia Lobo

CONSELHO EDITORIAL (TECNOLOGIA):

Felipe Waltrick

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL:

María Luisa Trindade Bestetti

EDIÇÃO DE ARTE E DESIGN:

Caio Carraro Gomes da Costa

BANCO DE IMAGENS:

FreePik e Divulgação

DISTRIBUIÇÃO:

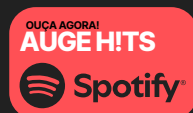
Gratuita

CONTATO:

auge@ifractal.com.br



@auge_ifractal



A newsletter AUGE é uma iniciativa de comunicação da iFractal® Desenvolvimento de Software Ltda., criada com o propósito de estabelecer um canal gratuito de informação, com curadoria especializada em conteúdos intergeracionais de relevância social e interesse público. As entrevistas publicadas são cedidas com exclusividade e divulgadas na íntegra, sem qualquer alteração, edição ou adaptação do texto original, sendo seu conteúdo de inteira responsabilidade de seus respectivos autores. As opiniões expressas não refletem, necessariamente, o posicionamento institucional da newsletter AUGE ou da iFractal®. A distribuição do arquivo digital, em formato PDF, é livre e permitida, desde que o material não seja alterado, manipulado, editado ou utilizado fora de seu contexto original. A reprodução parcial desta publicação é autorizada, desde que a fonte seja devidamente citada e os autores corretamente creditados. É expressamente proibida a comercialização, bem como qualquer forma de distribuição condicionada ou vinculada a contrapartida financeira, seja em meio digital, eletrônico ou impresso. Eventuais menções a marcas, produtos ou empresas têm caráter exclusivamente informativo e não configuram, em hipótese alguma, vínculo comercial, publicitário ou institucional.